

4

O eu e os outros no palco da pesquisa: aspectos teórico-metodológicos

Senhoras e senhores, respeitável público leitor! Abrem-se as cortinas e recomeça o espetáculo. Este ato da dissertação tem a intenção de apresentar as deambulações ocorridas no campo e os dispositivos teórico-metodológicos que foram sendo construídos para percorrê-lo. Os capítulos precedentes tiveram a intenção de mapear teoricamente, os estudos, pesquisas e conceitos que embasaram o roteiro de trabalho aqui apresentado. Neste ato, entretanto, buscamos apresentar o roteiro que foi utilizado para trilhar o trabalho de campo (e o que lhe foi improvisado para atender os percalços surgidos); os personagens que atuaram (tanto os protagonistas quanto os coadjuvantes); e os dispositivos teórico-metodológicos de que se lançou mão.

Partimos do pressuposto de que o campo de saber das ciências humanas deve buscar uma positividade de outra ordem, que escape às exigências da racionalidade técnica e instrumental. Neste sentido, ao invés de utilizar metodologia estabelecida teoricamente na literatura, esta pesquisa empregou o uso de dispositivos metodológicos construídos (e nomeados) pela própria pesquisadora, em coautoria com os personagens que a guiaram em seu trabalho (mulheres, médicos e outros anônimos). Esta opção deveu-se à necessidade de “ouvir o campo” e suas exigências, de modo que este participasse enquanto tensionador dos instrumentos que melhor pudessem apreender a dinâmica do que se desenrolava na vida. Deste modo, acredita-se que foi necessário se desviar da rigidez dos métodos cientificistas, visto que, se se nega qualquer universalismo do que seja da ordem do humano, logo, não caberia neste trabalho a utilização de método pré-estabelecido.

Por fim, há que se explicitar que partimos do pressuposto de que os métodos são produtores de realidades sociais, ou seja, não têm a funcionalidade de apenas descrever ou tornar inteligível o mundo (compreendido como real e produzido), mas de promulgá-lo, fazê-lo (Law & Urry¹, 2003). Neste sentido, se o método tem

¹ Law & Urry são considerados herdeiros da Teoria Ator-rede. Ainda que Bakhtin não pertença a este mesmo viés teórico, o encontro destes autores na pesquisa não será inviável, visto que percebemos que há aproximações entre eles, em especial, no que se refere às discussões acerca das

este poder performativo, há que se pensar, que realidades pretende-se construir (na compreensão da realidade com um efeito relacional) e quais se pretende desestabilizar, corroer, enfraquecer. Dessa forma, importante questão se configura na escolha dos métodos: o que este instrumento faz fazer? (Law & Urry, 2003).

É na compreensão deste olhar conceitual em relação ao método, por meio deste alicerce e indagações, portanto, que a pesquisadora constrói seus dispositivos de investigação. O compromisso da escolha do método se apresenta e neste sentido, as reflexões de Bakhtin oferecem ímpares contribuições para a pesquisa, visto que o autor ao longo de sua obra apresenta uma postura compromissada em construir uma teoria que fizesse jus à dinamicidade que ocorre na vida. Portanto, o mundo que se quer fazer nesta pesquisa é aquele em que mulheres com práticas afetivo-sexuais com mulheres, médicos ginecologistas e a própria pesquisadora possam problematizar o tema em questão (saúde sexual de mulheres com práticas afetivo-sexuais com mulheres), repensarem o lugar que ocupam, reintroduzir novos sentidos à temática, sem o compromisso de qualquer acabamento ou conclusão, que monologize este encontro.

4.1

Sobre os personagens deste enredo

A pesquisa em questão foi realizada com 7 (sete) mulheres jovens (entre 20 (vinte) e 30 (trinta) anos²), que declararam se relacionar afetivo-sexualmente³

especificidades presentes nas ciências humanas e sociais e ao método, ainda que percebamos que Bakhtin esteja mais próximo de uma visão humanista. Ou seja, há uma distinção ontológica entre esses dois modos de conhecer o mundo pois, para Bakhtin, o sujeito que fala protagoniza a produção de sentidos acerca do mundo material, dando-lhe significados por meio da/na linguagem, já na Teoria Ator-rede, não compreende-se que haja essa assimetria, horizontalizando sujeito e objeto nesse processo.

² Optamos por utilizar o recorte etário de 20 a 30 anos, pois de acordo com Santos (2007), entre 2003 e 2006, na base APOGLBTT (Associação da População Gay, Lésbica, Bissexual, Travesti e Transexual) cerca de 67% dos casais homossexuais assinaram o registro de união estável entre os 30 e os 40 anos. Dessa forma, partiu-se do pressuposto que as mulheres se relacionam com sua saúde sexual de modo distinto quando estão em uma união estável. Sendo assim, optou-se por definir a idade limite de 30 anos para as participantes, pois se acreditou que haveria menor possibilidade de que as mulheres já estivessem instaladas em relacionamentos fixos, fator que influenciaria a maneira como lidam com a saúde sexual (mesmo que se compreenda que discreto número de casais cheguem a obter este registro, ainda que instalados em uniões fixas). Por outro lado, os dados da UNAIDS (2008) afirmam que, apesar de quantidade de novas infecções pelo HIV no mundo tenha diminuído, no que se refere às novas infecções, observa-se o fenômeno denominado *juvenilização e feminização* da epidemia, ou seja, o número cresce entre as mulheres jovens (em especial entre os 15 e 24 anos), informação importante quando se refere à saúde sexual. Dessa forma, a pesquisa em questão foi desenvolvida com mulheres jovens, tendo em

com outras de mesmo sexo, sendo que três são militantes do movimento LGBT, todas residentes na cidade do Rio de Janeiro⁴ (tanto usuárias do sistema público de saúde, quanto do privado⁵); e com 8⁶ (oito) médicos(as) ginecologistas⁷ que trabalham, ao menos em regime parcial, na rede pública de saúde desta mesma cidade.

A presença dos dois grupos distintos de mulheres (militantes e não militantes) não pressupõe nenhuma comparação entre ambos, mas sim, pretendeu-se tensionar os relatos com vozes advindas de endereços espaciais distintos. Partiu-se do pressuposto que, para além dos muros dos movimentos sociais aqui especificados, existe um universo sorrateiro e nem por isso menos contestatório, que muitas das vezes não é convidado a construir a experiência e a história no campo das sexualidades em intersecção com a saúde. Os modos de existir/resistir não situados nos movimentos também contribui, mesmo que informalmente, para

consideração que juventude, de acordo com Féres-Carneiro (2005), define-se pela faixa etária entre os 18 (dezoito) ou 20 (vinte) anos mais ou menos e se estende até os 30 (trinta) anos.

³ A delimitação do que seja ter relações sexuais se baseará somente na auto-declaração, não sendo neste trabalho problematizado quais as práticas definem o universo do que vem a ser uma relação sexual. As mulheres participantes da pesquisa deverão assumir ter práticas afetivo-sexuais com mulheres, independente da identidade que possam vir a se definir ou da presença alternada com outras práticas sexuais.

⁴ Apesar de corroborarmos nossas reflexões com as apresentadas por Facchini (2008) e Miskolci (2009) acerca das interseccionalidades (intersecção de diferenças: de acordo com o movimento pós-identitário, se refere à união de vários eixos de diferenciação que pode produzir maior grau de opressão), que enfatiza que outros marcadores sociais atravessam as construções de sexualidade e gênero, como cor da pele, situação socioeconômica e religião, entretanto, pelas limitações de tempo da dissertação, estes não foram aspectos definidos de antemão, mas estabelecemos que se atravessassem o campo, estariam presentes enquanto análise.

⁵ Esse recorte se justifica pois, neste trabalho, apesar de se intencionar subsidiar o debate acerca de políticas públicas de saúde (por isso a escolha dos profissionais que trabalhassem, ao menos parcialmente, na rede pública), acredita-se que a experiência daquelas que não utilizam o sistema de público de saúde, também pode nos fornecer dados interessantes sobre os auto-cuidados, modos de prevenção, gestão dos riscos, relação com os ginecologistas, dentre outros elementos que circundam a questão. Outro fator que justifica esta escolha é a possibilidade de que pessoas que não utilizem os serviços ginecológicos, nem o público e nem o privado, pudessem participar da pesquisa e oferecer informações acerca de seus lugares e da decisão em não procurar o profissional.

⁶ A pesquisa em questão, por ser de cunho qualitativo, investigou o discurso de 15 participantes ao todo (dentre mulheres com práticas afetivo-sexuais com mulheres e médicos). Com esta opção, não se pretendeu construir uma pesquisa com uma amostra quantitativamente representativa, visto que o objetivo da pesquisa não fora generalizar os dados, mas singularizar os discursos e propiciar que estes fossem alusivos a outras realidades, visto que se tinha interesse maior na produção de sentidos e não na quantificação de comportamentos.

⁷ Para o contato com os ginecologistas foram escolhidos 4 (quatro) Centros Municipais de Saúde do município do Rio de Janeiro, além de médicos de outras instituições, que foram acessados por meio de indicação de terceiros e não pelo sistema público de saúde diretamente.

o campo de problematização destas experiências e dos cuidados de saúde possíveis⁸.

4.2

Construção dos dispositivos de investigação

O *trabalho de campo* ocorreu em três etapas: *diário de campo*, *observação mambembe*⁹ e *encontros de conversa(ação)* (os conceitos aqui elencados, tal qual sua funcionalidade, foram construídos pela pesquisadora). A opção pela criação de neologismos partiu do pressuposto que, se singulares são as relações entre os textos humanos, que somos nós (Bakhtin, 1992), é necessário que se construa instrumento que dê conta deste encontro imprevisível e que será sempre inapreensível de todo, tendo em consideração a relação entre o pesquisador e o outro - participante. Seguem, portanto, breves explanações sobre o arcabouço teórico que embasou estes dispositivos metodológicos.

O trabalho de campo teve como norte o aporte teórico-metodológico da filosofia da linguagem, desenvolvida por Bakhtin¹⁰ (1895-1975), autor que compreende a linguagem não como um sistema abstrato, mas como um código ideológico. Suas reflexões foram alicerce do trabalho de campo, em especial, os conceitos de *dialogismo*, *alteridade* e *exotopia* (ou *excedente de visão*), tríade conceitual central que forneceu subsídios teóricos para se pensar as relações entre o eu e o outro. Estes conceitos nos auxiliaram a compreender a pluralidade discursiva e, sobretudo, a alteração que a presença do outro propõe.

⁸ Interessante observar que, mesmo que a pesquisadora tenha ficado relutante em realizar a pesquisa com mulheres militantes e médicos ginecologistas, visto que compreendia que como estas pessoas estavam situadas em lugares ditos oficiais, seus discursos apenas ofereceriam informações já formuladas deste lugar. Entretanto, o campo subverteu esta expectativa. Ou seja, tanto mulheres militantes quanto médicos, apresentaram discursos que escapavam às regras sociais do lugar que ocupavam, portanto, não produziram apenas narrativas oficiais. Deste modo, a pesquisadora reavaliou sua postura antecipatória em relação a estes discursos e como esta expectativa poderia ter obstruído a rica contribuição destas pessoas. Neste sentido, a participação do triedro (mulheres militantes, não-militantes e médicos ginecologistas), foi essencial para o tensionamento que a temática saúde sexual de mulheres com práticas afetivo-sexual com mulheres exigiu.

⁹ O termo foi aqui utilizado como alegoria advinda do teatro mambembe, pois reflete o trajeto itinerante que se desenrolou no campo. Portanto, observação mambembe refere-se a um caminhar atento, tendo como “bagagem” a questão da pesquisa, mas sem um rumo definido de antemão, na tentativa de seguir as pistas que o campo sinalizar.

¹⁰ Este autor tece suas reflexões acerca da linguagem a partir de críticas à linguística formalista da época, tanto quanto às abordagens subjetivistas visto que, afirma a natureza social da linguagem.

Segundo este autor, o *dialogismo* (princípio constitutivo da linguagem), compreende a interação dos discursos produzidos pelo próprio sujeito, que está atravessado por outros discursos. Portanto, o discurso é essencialmente polifônico, pois é produzido nas relações que abarcam as produções discursivas do passado, do presente e do futuro. Neste sentido, o enunciador não é o Adão bíblico que enuncia pela primeira vez algo. Vivemos num mundo do já-dito, logo, qualquer discurso, ainda que seja irrepetível de outro lugar que não aquele ocupado pelo enunciador, não é inaugural. Constitui-se na apropriação de outros discursos produzidos nas relações sociais, em que são transformadas as representações tecidas sobre o outro e sobre o meu próprio discurso.

Dessa forma, as tensões presentes nos discursos entre enunciador e ouvinte ativos estão presentes em todo o processo de pesquisa e se constituem e reconstituem ao longo das relações estabelecidas nesse contexto. A atitude responsiva, para Bakhtin (1992), não se resume à resposta verbal que o outro enuncia, mas são as significações verbais ou não que um sujeito produz quando entra em contato com outro discurso. Dessa forma, para o autor, não há resposta que não seja prenhe de novas perguntas, deste modo, marca-se o eterno inacabamento do fluxo discursivo, da produção dos sentidos e do próprio mundo (Bakhtin, 1992). Segundo o autor:

O próprio locutor como tal é, em certo grau, um *respondente*, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores – emanentes dele mesmo ou do outro – aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados (Bakhtin, 1992, p. 291).

A *alteridade* refere-se ao reconhecimento de que há um outro, exterior e diferente, mas essa distinção proporciona alterações mútuas aos envolvidos, através de confrontos e identificações (simultaneidade entre estranhar e pertencer). A diferença que se apresenta no outro, apesar de me alterar, também me constitui (o si mesmo seria, portanto, essencialmente constituído pelo outro), ainda que meu lugar e o lugar do outro nunca coincidam, pois se houver esta fusão (apagamento do eu), não haverá alteridade. Dessa forma, legitima-se um espaço

em que discursos e valores da pesquisadora e dos participantes se produzem na relação. A esse respeito, Amorim (2001) pontua:

Nossa hipótese de trabalho é de que em torno da questão da alteridade se tece uma grande parte do trabalho do pesquisador. Análise e manejo das relações com o outro constituem, no trabalho de campo e no trabalho de escrita, um dos eixos em torno dos quais se produz saber. Diferença no interior de uma identidade, pluralidade na unidade, o outro é ao mesmo tempo aquele que quero encontrar e aquele cuja impossibilidade de encontro integra o próprio princípio da pesquisa... É exatamente ali onde a impossibilidade de diálogo é reconhecida, ali onde se admite que haverá sempre uma perda de sentido na comunicação que se constrói um objeto e que um conhecimento sobre o humano pode se dar (p. 29).

Para Bakhtin (1992), a visão de mundo dos sujeitos é determinada pelo lugar ocupado no espaço e no tempo, ou seja, nosso espaço autovivencial possibilita que possamos ver elementos que estão além do que o outro pode ver de si, assim como alguns elementos que nos constituem, não podem ser por nós próprios vistos e acessados, devido o lugar que ocupamos no espaço. Portanto, somos em alguma medida dependentes de um outro, que pode nos oferecer pontos de vista distintos acerca de nós próprios, o que para Bakhtin (1992) denomina-se *excedente de visão*.

O excedente de minha visão contém em germe a forma acabada do outro, cujo desabrochar requer que eu lhe complete o horizonte, sem lhe tirar a originalidade. Devo identificar-me com o outro e ver o mundo através de seus sistemas de valores, tal como ele o vê; devo colocar em seu lugar, e depois, de volta ao meu lugar, completar seu horizonte com tudo o que se descobre do lugar que ocupo, fora dele; devo emoldurá-lo, criar-lhe um ambiente que o acabe, mediante o excedente de minha visão, de meu saber, de meu desejo e de meu sentimento (p. 45).

4.2.1

Diário de campo

O *diário de campo* foi instrumento que esteve presente em todas as fases da pesquisa, desde a primeira incursão até quando findados os *encontros de conversa(ação)*. Este dispositivo baseou-se no registro escrito de todos os dados relevantes ocorridos, impressões particulares e estranhamentos, dissertação de hipóteses. As anotações foram também “termômetro” que possibilitou avaliar o próprio processo de pesquisa e a postura do pesquisador, de modo que os caminhos pudessem ou não ser reorientados quando necessário. Em outras

palavras, o *diário de campo* possibilitou que *excedentes de visão* fossem criados, tanto do campo em questão, quanto da própria pesquisadora, acerca de si, em momento posterior. Possibilitou também que outros sentidos fossem incluídos aos discursos dos participantes, de modo que pontos de vista distintos fossem recuperados.

A utilização do *diário de campo* partiu da premissa de um reposicionamento do pesquisador, considerado num lugar horizontalizado em relação ao outro participante, ainda que não se iguale a ele. Segundo esta premissa epistemológica, o pesquisador não é meramente participante, nem mesmo distante e neutro, mas é parte. Dessa forma, se o pesquisador não ocupa um plano diferenciado, mas é mais um elemento da cartografia e, portanto, está enredado pelos elementos axiológicos do lugar que ocupa, também, o espaço da pesquisa se amplia. Ou seja, não há uma pesquisa de campo em si, circunscrita, visto que o campo é o cotidiano que toca a questão, em seus encontros e desencontros. Dessa forma, o *diário de campo* é a materialização destes acontecimentos corriqueiros, ordinários, mas que são produtores de sinais que vivificam as questões de pesquisa (Spink, 2008).

Portanto, se o pesquisador faz parte do próprio campo de pesquisa, logo, encontra-se atravessado pelos afetos envolvidos. Assumi-los, portanto, no processo de pesquisa, é também resgatar os elementos sensíveis, que estão na vida e, portanto, na relação com os outros da pesquisa (sendo o *diário de campo* o espaço de reflexão destas afetações). Este parece ser o convite de Favret-Saada (2005), que ao fazer uma crítica à antropologia ortodoxa, tenta reabilitar a importância da “velha sensibilidade”, visto que, se os afetos são a seiva constitutiva das relações, ser afetado é possibilitar ser marcado pelo encontro com o outro.

Como se vê, quando um etnógrafo aceita ser afetado, isso não implica identificar-se com o ponto de vista nativo, nem aproveitar-se da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada (Favret-Saada, 2005, p. 160).

4.2.2

Observação mambembe

De acordo com Bakhtin (1926), os três campos da cultura humana são: a ciência, a arte e a vida. Neste sentido, mesmo que a arte e a ciência busquem se aproximar do que se processa na vida, elas nunca serão a própria vida, ainda que sejam modos criados pelo humano para lhe conferir sentido¹¹ (faz uma cisão entre o que seja o mundo da vida (mundo vivido) e o mundo da cultura - arte e ciência (mundo representado). Bakhtin afirma a importância da unidade entre esses domínios, ainda que ela não ocorra com muita frequência. Só é possível alcançar alguma unidade entre esses três domínios por meio da responsabilidade do artista (leia-se aqui, a pesquisadora). Neste sentido, a utilização da metáfora teatral (mambembe) partiu do pressuposto de que a arte pode oferecer subsídios para que a ciência construa sentidos sobre a vida¹².

Após o início de meu trabalho de campo, em que alguns instrumentos pensados de antemão foram sendo deixados pelo caminho e tantos outros surgiram, busco aqui enformar e nomear o trajeto sinuoso que ocorrera no campo. Dessa forma, me embrenho no universo teatral de modo que este possa oferecer sinais ou pistas, analogias ao trabalho que iria desenvolver. Frustrada por caminhar pelas vias oficiais e não me aproximar das mulheres que instigava meus estudos, deambulo sem rumo pelas reentrâncias dos caminhos e, me encontro, no momento que me permito perder. Neste caminhar *desinteressado* (Bakhtin, 1992), tinha como norte também as reflexões de Benjamin (1984). Para o autor, desestabilizar ou tomar o desvio pode nos fornecer formas de reinventar modos de conhecer/compreender. O atalho, portanto, seria caminho privilegiado da metodologia, pois possibilitaria que houvesse caminhos infindos a serem seguidos. De acordo com Jobim e Souza:

¹¹ Ainda que Bakhtin faça essa divisão, há que se esclarecer que na pesquisa científica, existem dois processos: no primeiro, ciência e vida são coincidentes visto que o pesquisador atua, na dinâmica da vida, ainda que de seu lugar de pesquisador. Num momento seguinte a esta etapa, que há um distanciamento deste ocorrido, passa-se à representação da vida pela cultura, ou seja, apreende-se e oferecesse-se sentido à vida por meio da ciência.

¹² Optamos pela metáfora teatral visto que, nos palcos, atuamos assumidamente. Colocamos em evidência as máscaras e papéis que utilizamos na vida, sob a égide do discurso da autenticidade. Nos palcos somos muitos, mas não seríamos também tantos na vida? De que autenticidade falamos? Não estaríamos nos performando, atuando nós mesmos no palco da vida? Quais são os limites entre a arte e vida? Assim como no teatro, que necessita do expectador para ser, não necessitamos também do outro para ser, não somos para o outro? Ora, se a arte imita a vida, poderia a vida valer-se da arte para construir sentidos sobre esta experiência?

Este caminho segue uma rota sinuosa e se arrisca pelos labirintos do pensamento, sem a menor garantia de estarmos sendo conduzidos a algum lugar, ou a algum “porto seguro”. Porém, é exatamente nisto que está a preciosidade maior deste método, pois a renúncia à segurança do previsível permite ao pensamento o permanente contato com a liberdade. Um pensamento em permanente contato com a liberdade é o que assume e torna indispensável o diálogo entre a verdade e o erro, a ciência e a ficção, o ser e o não-ser, o mesmo e o outro, o conteúdo e a forma, a paixão e a razão... (2009, p. 200).

Mas eis que quando ofertei a meus olhos analisar as miudezas, coloquei meu ouvido mais disponível, encontro o caminho que pudesse me aproximar das mulheres e médicos em questão. Dessa forma, a arte mambembe aparece como metáfora a este processo. Surgida com subterfúgio aos ditames da Igreja na Idade Média, esta vertente teatral era tida pelos cânones religiosos como pagã. Esta arte surgiu como um protesto às artes ditas oficiais e que eram as únicas financiadas pelos governos e pelas igrejas, mas que deveriam retratar apenas os textos canonizados que glorificavam o poder da época destas instituições. Os artistas do teatro mambembe eram chamados saltimbancos, que se apresentavam de cidade em cidade, andavam em grupos chamados trupes. Apresentavam-se ao lado das Igrejas, nas praças públicas e mercados. Com a estratégia de se distanciar do cerceamento da Igreja, puderam encenar os enredos que lhes conviessem e democratizar a arte que, até então, era circunscrita a determinados nichos mais abastados da organização social da época. O teatro mambembe, como era dotado de escassos recursos e pela vida nômade que levava¹³, tinha como carro chefe, a improvisação. Este gênero teatral além de arte era uma forma de resistência (Santos, 2009).

O caminhar da pesquisadora é análogo ao do saltimbanco, pois aquela de modo itinerante, assume a tarefa de andar sem rumo definido, tendo como bagagem apenas o desejo de compreender o universo das mulheres em questão e muitas perguntas. A este viajar itinerante denominei *observação mambembe*. O roteiro que foi delineado nas andanças mambembes foi construído na relação entre a pesquisadora e participantes (tanto mulheres, quanto médicos), ambos

¹³ Andavam os saltimbancos de cidade em cidade em carroças e escolhiam cada cidade dependendo do que cada uma oferecia como estrutura.

concomitantemente autores e personagens¹⁴. Dessa forma, a autoria se horizontaliza e o roteiro aqui apresentado torna-se produção coletiva.

A presença ativa da pesquisadora na produção dos sentidos que concorrem no interior deste texto forja-se no pressuposto de que, não há a possibilidade de eximir-se da linguagem para teorizá-la de fora, pois toda e qualquer produção de conhecimento é construída em seu interior. A pesquisadora estaria, portanto, numa posição de um “dentro sem fora”, logo, qualquer neutralidade que se almeje atingir por meio do distanciamento entre pesquisador e objeto de pesquisa constitui-se artificial (Certeau, 1994). Neste sentido, pesquisadora e participantes da pesquisa se produzem intersubjetivamente, e na mesma medida que afetam, são afetados.

4.2.2 1

O início de uma longa jornada: onde estão estas mulheres?

De acordo com Law (2009) performamos a realidade. Dessa forma, se há a construção de mundos possíveis por meio da investigação, caminho profícuo para a pesquisa, em especial em ciências sociais/humanas, seria a narração do processo de pesquisa, de modo que o outro que lê, possa se apoderar dos acontecimentos que sucederam/produziram tais mundos ou *realidades colaterais*. Dessa forma, neste tópico se faz imprescindível descrever o processo que desencadeou a pesquisa, de modo que se possibilite um olhar mais encarnado para os dados que foram produzidos e que serão apresentados no próximo capítulo.

Findada a primeira parte do trabalho, em que foi realizada uma extensa pesquisa acerca das referências bibliográficas que poderiam ajudar a compreender teoricamente o campo em questão, lanço-me na instigante tarefa de me enveredar pelo trabalho de campo. Decido primeiramente ir ao encontro das mulheres com práticas afetivo-sexuais com mulheres visto que, seus discursos seriam

¹⁴ Além destes, o roteiro contou com a contribuição de outros elementos que permearam minha peregrinação mambembe no campo, como as orientações e discussões articuladas com os membros do GIPS (Grupo Interdisciplinar de Pesquisa da Subjetividade, coordenado pela Dra. Solange Jobim e Souza), atuais e antigos, trupe que tangencia todas as reflexões aqui apresentadas, e tantos outros, personagens sem nome, que estiveram, mesmo que indiretamente, presentes na construção deste caminhar.

motivadores dos encontros que ocorreriam com os médicos. Como toda busca sem um mapa norteador definido de antemão, o trajeto inicia-se pelas vias oficiais. Alguns espaços de homossociabilidades¹⁵ e eventos artístico-políticos (como a Parada de Orgulho LGBT do Rio de Janeiro em 2009 e diversos eventos do movimento social) foram frequentados. Em todos estes locais, realizei vários contatos, entretanto, estes não se efetivaram, pois havia muita desconfiança das mulheres com minhas reais intenções nas abordagens que realizava e inúmeras recusas ocorreram. Além disso, mesmo que nesta primeira aproximação houvesse a troca de contato entre mulheres e pesquisadora, em momento posterior, as mulheres também se negavam participar.

Enquanto visitava estes espaços, tentava estabelecer contato também com outras mulheres via internet, por meio do site Leskut¹⁶, e, apesar de fazer algumas amizades e conseguir informações muito interessantes do universo destas mulheres, nenhuma mulher se prontificou a participar da pesquisa. Tais incursões, que tinham como objetivo acessar as mulheres tornaram-se momentos de observação e aproximação com o campo, e mesmo que não tenham se concretizado no aceite daquelas para a pesquisa, produziu pistas de como isso poderia ocorrer. Esse momento de errância possibilitou que a pesquisadora pudesse compreender um pouco mais as gramáticas de convivência destas mulheres.

Dessa forma, o campo me sinalizava que caminhos percorrer, de que trajetos desviar. Ao perceber o caráter itinerante que esteve presente no acesso às mulheres e também aos médicos, a pesquisadora faz analogias de seu deambular, com as andanças do teatro mambembe (arte já devidamente explorada no tópico anterior). Essa metáfora se apresentou ainda mais encarnada, na medida em que começo a perceber os limites de meu caminhar, tendo em consideração as recusas que recebo. Estaria a pesquisadora ocupando um lugar apropriado para acessar as mulheres? Quais seriam os motivos das recusas? Acessar mulheres para pesquisa num momento posterior seria uma estratégia indicada? Em meio a estes questionamentos, que não foram respondidos de todo, a pesquisadora (re)ordena seu caminhar, (re)orienta seu caminho de acordo com as circunstâncias

¹⁵ Espaços que são frequentados majoritariamente por pessoas do universo LGBT.

¹⁶ Versão lésbica do site de relacionamentos Orkut.

apresentadas, sem destino muito certo, andava de acordo com as pistas que eram deixadas por cada momento de encontro e desencontro.

Portanto, as recusas das mulheres sinalizaram-me que talvez, pelas vias mais oficiais (locais destinados à frequência deste público), o acesso às participantes seria menos promissor. Portanto, assim como no teatro mambembe, o campo parecia sinalizar que a pesquisadora deveria sair dos palcos clássicos e se embrenhar juntamente com as trupes mambembes, em busca de outros roteiros.

Deste modo, enviei emails a meus contatos a fim de conseguir indicações de mulheres para a pesquisa, e pedi para que estes reencaminhassem o mesmo a seus contatos, e assim sucessivamente. Esta estratégia mostrou-se eficaz na medida em que a indicação de um terceiro favorecia a aproximação entre as mulheres e a pesquisadora, produzia vínculo e, portanto, participação. Paralelamente, iniciei também contato com diversas ONG LGBT no Rio de Janeiro, visto que também necessitava de mulheres engajadas no movimento social. O que seria apenas uma visita para o recrutamento de possíveis candidatas para a pesquisa, se tornou uma experiência merecedora de destaque. Pude ter acesso à história do movimento na cidade do Rio de Janeiro, saber de seus avanços e limitações, conseguir materiais acerca da temática e das campanhas realizadas, tomar conhecimento das alegrias e ressentimentos em “ser movimento social no Brasil”. Além de tudo isso, nas visitas às sedes dos movimentos, fui muito bem recebida por todos, cheguei a participar de alguns encontros, enfim, pude conhecer o calor da solidariedade LGBT, injeção de ânimo que me impulsionou para continuar em minha árdua jornada de conseguir participantes para a pesquisa. Nestes contatos com as instituições, consegui acessar algumas mulheres (fiz entrevista com quatro delas)¹⁷.

Digno de nota é que, apesar da abertura que tive com o movimento, a única mulher que após realizar o encontro com a pesquisadora, desistiu de participar, foi uma militante, com o argumento de que tinha medo que sua família a reconhecesse na pesquisa. Achei peculiar sua preocupação pois, apesar de

¹⁷ Mesmo que o acesso às mulheres militantes tenha sido relativamente mais fácil do que às mulheres não militantes, recebi algumas recusas e pude compreendê-las após a última entrevista que fiz com Priscilla, militante que denunciou que a postura avessa do movimento em participar de pesquisas acadêmicas ocorria visto que, historicamente, após o movimento contribuir com tais pesquisas, não recebia nenhuma devolutiva e não se beneficiava das discussões provocadas pelo pesquisador.

participar de um movimento que promove a visibilidade da experiência homo/bissexual, esta mulher narrava receio em se expor, mesmo que minimamente, numa pesquisa de Mestrado. Respeitei seu desejo, mas tal fato me levou a pensar que o pesquisador, mesmo que não saia do lugar social de pesquisador, atravessado por suas questões, deve se despir ao máximo de seus preconceitos e certezas, duvidar do óbvio, estranhar o familiar, pois o inusitado se revela no momento menos esperado. Neste caso, ser militante não poderia significar apenas visibilidade e orgulho em ser “lésbica” ou “bissexual”, mas também, estar sujeito a pressões sociais e preconceitos. Surpresas do campo! Dessa forma, por meio dos contatos com o movimento social, consegui também que mulheres militantes participassem da pesquisa.

4.2.2 2

O acesso aos médicos ginecologistas

Ao fim dos encontros com as mulheres, a pesquisa mais uma vez teve que reordenar seu caminho: como acessar os médicos ginecologistas? Tendo em consideração a experiência que ocorrera com as mulheres, decido fazer o caminho inverso. Portanto, ao invés dos caminhos clássicos e oficiais, procuro os médicos extraoficialmente, por meio de indicação de terceiros. Entretanto, uma nuance se apresenta entre acessar as mulheres e acessar os médicos, pois por meio da estratégia de indicação de terceiros, nenhum contato se efetivou de antemão para indicação de médicos. O mesmo campo que sinalizara que seria mais proveitoso acessar os participantes pela via não-oficial de um lado (mulheres), por outro, impõe o contrário (médicos). Dessa forma, decido procurar estes profissionais em locais mais oficiais. Note-se que estas nuances se referem também às identidades dos participantes, ou seja, a identidade médica (profissional), exigiu um acesso mais oficial. Este episódio foi alusivo à necessidade de se estar atento ao campo, visto que apresenta, mesmo que sutilmente, suas reivindicações.

Procurou, portanto, uma sociedade de ginecologia do Rio de Janeiro. Apesar de ter realizado junto a esta instituição inúmeros contatos, por fim, foi-me indicado procurar outra instituição, de nome Sexualidade e Vida¹⁸, pois tratava do

¹⁸ O nome utilizado é fictício.

assunto de meu interesse. Este episódio foi alusivo, mais uma vez, ao lugar que o tema (não) ocupa, em especial, no interior do discurso médico. A indicação da sociedade de ginecologia para que se procurasse outra instituição para tratar de assunto referente à saúde sexual de mulheres com práticas afetivo-sexuais com mulheres sugeriu que tal temática, sob o ponto de vista desta sociedade, se referia ao campo da sexualidade e não ao escopo médico.

A partir do contato com a Sexualidade e Vida, dois médicos se prontificaram a participar da pesquisa e, apesar de serem de uma mesma instituição de saúde, que tem como foco o atendimento ambulatorial e formação acadêmica, concederam relatos extremamente díspares acerca da temática. Neste meio tempo, mais alguns profissionais foram acessados por conta da indicação de terceiros (a estratégia finalmente produziu alguns acesites).

Faz-se necessária uma pausa para breve relato de questão que atravessou todo o trabalho de campo com os médicos: antes que os encontros ocorressem de fato, inúmeras vezes os profissionais desmarcavam e, quando os encontros ocorriam, quase sempre se realizavam após longas horas de atraso. Estes episódios suscitaram à pesquisadora uma dimensão mais encorpada da prática destes profissionais, que enfrentam longas horas seguidas de trabalho e tiveram que se organizar de inúmeros modos, para participarem da pesquisa¹⁹.

Faço um balanço dos *encontros de conversa(ação)* já ocorridos até aquele momento e decido buscar, junto à Secretaria de Saúde da cidade, mais profissionais para a pesquisa. Tal decisão deveu-se à necessidade de investigar a prática profissional destes médicos, em consideração ao contexto de trabalho presente no sistema público de saúde²⁰.

Portanto, para acessar os profissionais da rede, tive que mais uma vez reorientar meu caminhar. Essas curvas de percurso reforçaram, após a leitura de meus diários de campo, meu lugar de pesquisadora-saltimbanco, pois, ao deambular, seguia caminhos que iam se apresentando “no fazer”.

¹⁹ Gostaria de nesse momento, agradecer formalmente aos participantes da pesquisa, tanto médicos quanto as mulheres em questão, visto que acompanhei o esforço individual de cada um em adaptar seus cotidianos e rotinas de trabalho, para que fossem possíveis os encontros. Enredados por uma sociedade de valores bastante individualistas, os participantes foram demasiado generosos e contribuíram para a pesquisa em questão, que não existiria sem suas contribuições.

²⁰ Até o momento, as entrevistas haviam ocorrido apenas nos consultórios particulares, ainda que os médicos atendessem também no público.

Acessar os médicos da rede foi uma verdadeira batalha, visto que após alguns encontros e desencontros nas instituições de saúde que visitei, sou por fim esclarecida que, para realizar qualquer pesquisa numa unidade de saúde do município, devo submeter um processo de autorização junto ao Conselho de Ética da Secretaria Municipal de Saúde. Este processo se apresentou longo e desgastante, mas seus pormenores não serão aqui apresentados, visto os objetivos deste texto. Entretanto, podemos resumir que exigia duas ações paralelas: a primeira se referia a visitas às instituições para avaliar o interesse destas em participar da pesquisa e oficialização do aceite por meio de documentação. Para receber cada aceite, várias visitas às instituições foram feitas para levar documentos, entregar projetos em formatos distintos, dentre outros pormenores. Finalizada a parte documental deste processo, tive de esperar mais dez dias em média, para cada Centro de Estudos (instâncias responsáveis por estes processos nas instituições de saúde) assinar documento que oficializava a permissão de realização da pesquisa na unidade (foram 3 (três) unidades pesquisadas). A segunda ação do processo se referia à união de documentação ao aceite deferido pelos Centros de Estudos e encaminhamento de todos estes documentos ao Comitê de Ética da Secretaria de Saúde. Após a conclusão desta parte do processo, tive de esperar cerca de 45 (quarenta e cinco) dias para que o mesmo fosse aceito (após uma recusa inicial).

A demora na conclusão deste processo, quase fez com que desistisse da pesquisa com profissionais das unidades. Mais eis que mesmo para abandonar o processo, o Comitê de Ética exigia nova burocratização. Para isso, seria necessário fazer carta de desistência e entregá-la pessoalmente, sob pena de algumas sanções (como barragens de novos projetos junto à Unidade de Saúde no futuro, por exemplo).

Diário de campo: Descerra-se um paradoxo: se de um lado há um processo extremamente moroso e burocrático em que a própria instituição parece utilizar desta ferramenta como barreira às entradas das pesquisas na rede, por outro lado, se o pesquisador não puder concluir o processo exigido pelas dificuldades antes apresentadas, implicitamente é “quase obrigado” a permanecer e concluí-lo, sob o pretexto de que a desistência é tomada como um desrespeito aos profissionais que se envolveram com o processo até aquele momento, de meu ponto de vista. Logo, ao refletir sobre esta situação, me remeti a pensar no funcionamento dos dispositivos proposto por Foucault (Foucault, 2000; Deleuze, 1990). Um dispositivo que funciona produtivamente, para o autor, é aquele que controla os

sujeitos e estes, mesmo sabendo controlados, não conseguem dele se desligar e pelo contrário, o reforça. Nesta acepção, o dispositivo pelo qual o Conselho de Ética desta secretaria trabalha, funciona perfeitamente, pois, obriga os sujeitos a participarem do processo de aprovação dos projetos, controla o que pode ou não ser pesquisado e obriga o sujeito a permanecer nessa teia.

Todo o processo burocrático vivido pela pesquisadora, além de ser alusivo também ao discreto lugar que o tema ocupa neste cenário, tanto quanto à sua invisibilidade, proporcionou-me repensar várias questões importantes, em especial, no que se refere ao funcionamento do sistema de saúde, ponto já denunciado por algumas mulheres (ver próximo capítulo). Questões ecoaram: que ideologias e interesses estão presentes nos bastidores do discurso da ética em pesquisa? Tamanha burocracia e exigências que são reatualizadas no interior das Secretarias sugerem uma preocupação com a exposição indevida da vida ou é ferramenta de controle da produção do conhecimento, utilizada como barreira politicamente correta à visibilização de um sistema sustentado por muitas falhas?

As questões acima se tornaram ainda mais legítimas quando fui informada que deveria dar devolutiva do trabalho ao Comitê de Ética. Concordo com a devolutiva ao órgão, mas quando os interpele acerca da mesma aos médicos participantes, nenhuma exigência é feita. O Comitê não se mostrou implicado com esta questão, achando-a até mesmo desnecessária. Fico intrigada, pois, segundo meu ponto de vista em relação à ética, a devolutiva aos participantes, numa pesquisa, é questão de primeira ordem. Digno de nota é que durante todo o processo, mesmo que eu não tenha sido hostilizada nas Unidades de Saúde, fui recebida com alguma distância. Entretanto, a partir do momento em que tenho a posse do documento de autorização da pesquisa emitido pela Secretaria (Comitê de Ética), minha relação com as unidades é modificada:

Diário de campo: Achei muito interessante como o documento da Secretaria é realmente uma materialidade que interfere na configuração das relações. Quando tenho posse desse papel, entro no sistema como um ator diferenciado, e as Unidades de Saúde me recebem como tal. É um passaporte que me insere num lugar social distinto daquele que eu ocupava quando era uma mera estudante de Mestrado. A posse do documento me empoderava, pois, com ele em mãos, fazia com que as Unidades agora estivessem sob minha tutela e tivessem que se submeter à minha pesquisa obrigatoriamente (ainda que não fosse esse o lugar buscado pela pesquisadora).

O trabalho de campo em questão foi permeado por encontros e desencontros que foram aqui apresentados. A dificuldade de acesso às mulheres e aos médicos, deflagrada tanto por questões pessoais quanto institucionais, foram alusivas ao lugar que o tema (não) ocupa no cenário oficial das pesquisas acadêmicas, nos discursos da saúde e na cotidianidade extraoficial dos indivíduos.

4.2.3

Encontros de conversa(ação)

Os encontros que intitulam este tópico foram produtos da (re)invenção metodológica pela qual a pesquisa foi submetida. No anteprojeto que originou esta dissertação, o dispositivo metodológico sugerido foram entrevistas semi-estruturadas. Entretanto, após os primeiros encontros, fui incitada no sentido de sistematizar uma metodologia própria ao trabalho de campo que se desenvolvia na prática, tão distante do que se compreende por entrevista semiestruturada.

Os *encontros de conversa(ação)*²¹ foram criados de modo que possibilitasse um afastamento conceitual do que viria ser uma entrevista, em seu sentido mais usual. A relação estabelecida na pesquisa não objetivava reproduzir o binômio eu-pesquisador-perguntador e outro-participante-responder. Isso porque os papéis e sentidos eram constantemente negociados e a tessitura dos roteiros ocorria conjuntamente, visto que, de acordo com Bakhtin (1992), a resposta presumida do outro atravessa e modifica meu ato de fala, que é construído em consideração às concepções acerca do destinatário, que guia qual gênero de discurso será por mim acessado para compor minha fala projetada (Bakhtin, 1992).

O sentido de encontro sugeria, mais do que numa entrevista, momentos atravessados por partilhas de sentidos, de vivências, de estranhamentos e aprendizagem, algo que procede quando da presença do eu e do outro. A palavra *encontro* também possibilitou uma interpretação mais porosa do que venha a ser cada conversa, pois qualquer roteiro pré-estabelecido se tornava obsoleto frente à densidade das inúmeras questões que se atravessavam. A *ação* é aqui compreendida também como uma prática discursiva, um fazer no mundo por meio

²¹ Ainda que se compreenda que uma mudança conceitual (criação do neologismo), desprovida de um reposicionamento epistemológico, não garanta o sentido que se pretende oferecer ao termo, preferiu-se redefinir o conceito, de modo que se marcasse com nitidez, a diferença entre entrevista e os *encontros de conversa(ação)*.

da palavra. *Conversa(ação)* portanto, no sentido de uma construção ou tessitura discursiva entre o eu e os outros: discursos, tempos, pessoas (Bakhtin, 1992). Com o termo *conversa* ou *conversa(ação)* pretendemos partir do princípio de um diálogo em pesquisa que prescindia de um *setting* investigativo artificializado, para nos aproximar das conversas que ocorrem no dia-a-dia, no cotidiano, a partir de microlugares, que serão sempre situados (Spink, 2008).

Os *encontros de conversa(ação)*, portanto, poderiam ser comparados aos exercícios de improviso, comumente utilizados nas oficinas de teatro (lançando mão mais uma vez desta metáfora). Trata-se de duas ou mais pessoas que se encontram no palco, para executarem uma cena com tema pré-estabelecido, mas sem nenhuma fala definida de antemão. Logo, todo o diálogo é executado de acordo com a resposta dada/proposta pelo outro com quem jogo. O sentido do exercício só se efetiva (qual seja, treinar o ator para responder às diversas situações de cena sem roteiro definido, na tentativa de exercitar seu raciocínio e criatividade) por causa da existência do outro. Sem o outro que provoca um roteiro ou se insere na cena que proponho, o jogo deixaria de existir. Em resumo, assim como no exercício de improviso, os *encontros de conversa(ação)* se basearam no que Bakhtin compreende como sendo a base constituidora do diálogo, em que se diz sempre para um outro, estando o sentido situado no entre (Jobim e Souza, 1994).

Neste sentido, sendo o dialogismo e a alteridade bases fomentadoras do trabalho de campo, compreende-se o outro, participante da pesquisa, como sujeito, que reflete e refrata a palavra da pesquisadora e vice-versa. Logo, para assegurar esta proposta, de acordo com Bakhtin (1992) é necessário que sustentemos certo modo *desinteressado* de estar no campo, ou seja, mesmo que nosso lugar social permaneça, o pesquisador deve desvencilhar-se de expectativas prévias que possam hegemonizar suas referências e apagar as contribuições, estranhamentos e códigos que o outro pode oferecer (Bakhtin, 1992).

Nos *encontros de conversa(ação)*, portanto, os participantes da pesquisa, mulheres e médicos, foram compreendidos como personagens narradores de si. A narração das experiências e dos sentidos que circundaram suas trajetórias possibilitou que pudessem olhar para o lugar que ocupam e de perceber elementos

que os constituem, reinventar o eu (eu que para Bakhtin (1992) seria sempre um nós) por meio da palavra (palavra que sempre será habitada por outras vozes).

4.3

Análise da trajetória metodológica

Este tópico tem o objetivo de analisar a trajetória metodológica já brevemente apresentada nos tópicos anteriores. Busca problematizar alguns acontecimentos ocorridos no campo, de modo que se teça uma análise da trajetória metodológica utilizada, ou seja, pretende-se refletir como alguns acontecimentos, ocorridos na prática, consubstanciaram a construção teórico-metodológica aqui apresentada.

4.3.1

Ficha de identificação: o que o papel fez pensar

Os *encontros de conversa(ação)* iniciavam-se geralmente de modo semelhante: leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e preenchimento da Ficha de Identificação. O TCLE expunha breve resumo da pesquisa e os direitos do participante, tendo como finalidade maior oficializar o aceite da pessoa em participar da pesquisa. A Ficha de Identificação era preenchida em seguida pelo participante com seus dados pessoais (nome, idade, telefone, email, dentre outras informações), de modo que a pesquisadora pudesse entrar em contato com a pessoa em momento posterior, para a devolutiva²².

A Ficha de Identificação teve um segundo objetivo (no que se refere às mulheres), que foi desencadear uma reflexão sobre os dados prestados pelas participantes e os sentidos que rondavam tais informações²³. A ficha dispunha de

²² Nesta ficha, um dos itens se referia ao estado civil da participante. Apesar de todas as mulheres realmente não viverem em coabitação com suas parceiras, este tópico possibilitou que a pesquisadora repensasse os limites da informação requerida. Ora, se a legislação no Brasil não ampara legalmente o casamento entre pessoas de mesmo sexo, logo, mesmo que houvesse alguma participante convivendo com sua parceira, ainda assim, no que se refere ao estado civil, seria assinalado o item solteiro(a) e não casado(a). Além disso, a pesquisadora refletiu que mais do que ter a informação acerca do estado civil da participante, para o objetivo desta pesquisa, de maior necessidade seria tomar conhecimento se haveria relacionamentos fixos ou não.

²³ Em relação aos médicos, a ficha teve um objetivo meramente prático, ou seja, armazenar informações dos participantes de modo sistemático para contatos futuros.

três itens a serem escolhidos: homossexual, heterossexual e bissexual. A partir da marcação de um dos três, a pesquisadora utilizava-se da opção assinalada para problematizar o que, na experiência e nas trajetórias de vida das mulheres, as conduziam a escolhê-la. Mesmo que a estratégia da pesquisadora tenha sido eficaz e problematizado uma reflexão mais subjetiva do dado objetivo prestado, desencadeou inúmeras reflexões, tanto da pesquisadora e seu grupo de pesquisa²⁴, quanto das próprias mulheres, que puseram em xeque o dispositivo:

Rita (26a, nunca fez sexo com homens) – *Não, acho que para quê definir isso. É complicado. Eu tava até fazendo semestre passado, em Antropologia, que a gente tava falando sobre homossexualidade e tal, e a gente se perguntou: “E aí, como é que a gente, como é que a gente vai definir isso, né? É quadrado assim mesmo, né? A gente tem que botar mesmo esses rótulos? Fica complicado. E aquela pessoa que é homossexual, só fica com mulheres, mas, e que uma vez fica com homens? É bissexual de repente? Eu acho que é o que ela é, o que ela acha que é, e acabou entendeu? Eu penso dessa forma, mas... A não ser que alguém grave, olha você é bissexual, você ficou com homem uma vez na sua vida... Eu acho que é uma questão de identificação mesmo, na maneira que a pessoa se vê, né? Sei lá...*

Cíntia (pesquisadora) – *Por quê? Existe uma pressão para se definir?*

Rita – *Tem, às vezes tem.*

Mesmo que a pesquisadora tivesse a intenção de que a ficha apresentasse uma questão que comumente aparece em outros documentos (orientação sexual), mas que tal quesito fosse provocador/instigador de uma reflexão sobre os limites destes enquadres identitários, ainda assim, percebeu que talvez tenha reforçado a normalização identitária que procurava problematizar. Mesmo que a intenção tenha seguido por um caminho, a prática desviou-se da rota, em especial, quando a pesquisadora define apenas três orientações sexuais na ficha (homo, hetero e bissexual), sem que houvesse uma quarta opção, em que se sugerisse à participante definir/nomear suas práticas e/ou identidades sexuais.

Butler (2003) reflete que em relação à norma sexual, que busca assujeitar os indivíduos, há a possibilidade que as repetições ocorram de modo distinto, o que a autora denominou de *repetição diferencial*²⁵. Neste sentido, mesmo que a ficha possa ter reforçado a norma sexual baseada nas identidades fixas, pretendeu-se

²⁴ Reitero meus agradecimentos aos membros do grupo de pesquisa do qual faço parte (GIPS), pelas refinadas contribuições acerca das análises neste trabalho e também ao Grupo de Estudos Teoria Ator-Rede (assim denominado pela pesquisadora, visto não haver um nome oficial), sob coordenação da Dra. Solange Jobim e Souza, Dr. Ronald Arendt e Dra. Márcia Moraes, tendo como elementos do grupo, os respectivos orientandos dos coordenadores.

²⁵ Este conceito é mais bem desenvolvido no capítulo II desta dissertação.

problematizá-la nesta análise, de modo que as vozes das mulheres pudessem não se conformar à ficha e possibilitar reflexões outras acerca destas categorias. Ainda que a ficha requisesse que a vida conformasse-se à categorização do documento da pesquisadora, as mulheres atuaram nas brechas e puderam externalizar questões outras que as constituíam.

Neste sentido, as mulheres participantes da pesquisa fizeram com que a própria pesquisadora revisasse o conteúdo teórico utilizado para matizar a discussão dos resultados, visto que, se o recorte de pesquisa privilegiou as práticas em detrimento das identidades (mulheres com práticas afetivo-sexuais com mulheres), e se as próprias mulheres puseram em questão os tópicos da ficha de identificação referentes à orientação sexual, logo, o referencial teórico deveria estar coadunado com a prática²⁶.

Este episódio, portanto, foi considerado um *erro promissor* (Moraes, 2008), devido ao que desencadeou de reflexão ao tema de pesquisa e de questionamento à postura da pesquisadora, que pôde analisar como a norma sexual atravessa seu corpo de pesquisadora e a faz reproduzir até mesmo a premissa que problematiza.

4.3.2

A interferência do aparato técnico: para além da materialidade do aparelho

Os *encontros de conversa(ação)* foram gravados com o consentimento dos participantes. Entretanto, este aparato técnico, em alguns encontros, foi recebido com desconforto, mesmo que a pesquisadora explicitasse que o participante poderia não se pronunciar, quando achasse necessário e ainda que a pesquisadora explicitasse que somente a mesma teria posse desta gravação²⁷. No entanto, mesmo com tais cuidados, a interferência do gravador no processo de pesquisa foi tema que se apresentou como representativo (mesmo que para alguns, o aparato pouco causou desconforto). Tomemos como exemplo a situação de Rita, que

²⁶ Motivo pelo qual esta dissertação se apoiou nas reflexões de alguns teóricos que trabalham com reflexões pós-identitárias, como Judith Butler, por exemplo. Maiores informações sobre esta reflexão serão encontradas no tópico 5.1 do capítulo 5.

²⁷ Dessa forma, a pesquisadora seria a única a manusear a gravação, tanto quanto transcrevê-la, de modo que o nome do participante e qualquer dado que servisse de identificação fossem resguardados.

tematizou seu estranhamento antes do início da *conversa(ação)*, propriamente dita, causando surpresa à pesquisadora:

Diário de campo: A presença do gravador inibiu um pouco Rita, que relatou o desconforto logo no início da entrevista. Tentei tranquilizá-la dizendo que se tivesse alguma pergunta que não quisesse responder, que estivesse à vontade para fazê-lo. Lembrei-a sobre os aspectos de sigilo da pesquisa, na tentativa de tentar deixá-la menos preocupada e mais confiante. Ela relatou que estaria tudo bem se eu fosse utilizar o gravador, desde que não ouvisse sua voz, pois estranhava muito quando a ouvia gravada. Esse desconforto inicial foi sanado na medida em que a entrevista iniciou-se, apesar de Rita ser muito tímida e algumas perguntas terem lhe afetado.

A aversão ao gravador se mostrou como uma questão interessante. Apesar de no momento vivermos rodeados por aparatos tecnológicos de última geração, a presença de um simples gravador (muito pequeno, estilo MP4), ainda provocou algum desconforto. A pesquisadora ficou intrigada pelo efeito que este aparato, um tanto obsoleto se tomarmos em comparação a explosão de aparelhos para captação das imagens, ainda promove nas pessoas. O gravador é neste trabalho compreendido, portanto, como um ator que atravessa o discurso. Talvez este aparelho pudesse sugerir um lugar de oficialidade e veracidade da fala que estava sendo dita e gravada, espaço de eternização, visto que o ali dito poderia ser transportado para espaços outros. Para Rita, ao assumir não suportar ouvir a própria voz, parece também compartilhar com a pesquisadora certo estranhamento em receber um *excedente de visão* (Bakhtin, 1992) de si, trazido pela própria voz. Após os encontros, foi sugerido às mulheres que participassem de uma discussão vídeo-gravada sobre a temática da pesquisa. Entretanto, apenas as mulheres inseridas no movimento social aceitaram participar, sendo que as outras recusaram sob diversos pretextos.

Diário de campo: Perguntei-lhe [à Rita] sobre a possibilidade de fazermos um bate-papo em grupo vídeo-gravado posteriormente. Rita demonstrou-se muito constrangida com a ideia. Na verdade, disse que esta entrevista fora um exercício, o gravador a atrapalhava muito, a inibia por causa de sua timidez e uma câmara teria um efeito ainda pior. Disse que se o grupo fosse tratar de qualquer assunto que não fosse sobre sexualidade, poderia participar, mas este assunto lhe incomodava muito...

Percebe-se portanto que, mais do que a própria tecnologia, a temática a ser abordada e o contexto que esta ocorre, interfere nos modos como nos relacionamos com o aparato, em especial, quando a tecnologia deflagra e difunde a imagem de modo mais direto e explícito, como numa vídeo-gravação.

4.3.3

Quando o aparelho sai de cena e a cena se descortina: os bastidores dos encontros

Além do que desencadeou a presença do gravador, já tematizado anteriormente, também sua ausência impetrou questionamentos à pesquisadora. Ao fim dos encontros, quando era desligado, geralmente os participantes (em especial as mulheres), já mais vinculados à pesquisa e mais desinibidos por conta do momento anterior, davam prosseguimento à conversa. Entretanto, o que chamou a atenção da pesquisadora, foram os assuntos surgidos neste espaço, que se referiam a questões outras, tais como preconceito, discriminação por conta da orientação sexual, assumir-se, dentre outros.

Diário de campo: Após desligar o gravador, parece que Valéria mostrou-se ainda mais à vontade e a conversa prosseguiu. Falou de como a incomoda o racismo e a homofobia, pois não compreende como qualquer diferença pode fomentar a discriminação e inferiorização do próximo. Relata que acredita que um dia não vai haver a importância que se dá hoje para a escolha sexual de cada um.

...

Diário de campo: Por fim, a conversa terminou num tom descontraído. Saímos conversando mais uma vez sobre o sigilo da conversa, os direitos dela enquanto participante da pesquisa e sobre a devolutiva. Carla mostrou-se muito aberta e interessada em recebê-la. Entretanto, por causa de seus motivos pessoais em não se expor, em especial por causa de sua mãe, relatou que preferia não participar do grupo de discussão vídeo-gravado... Relatou que tem muitas amigas que ainda não se assumiram, e isso dificulta elas quererem participar das *conversa(ações)*. Falou que acredita que assumir, mesmo que ela não tenha feito isso completamente, é a melhor opção. Viver sendo algo que não se é, para Carla, é a pior coisa do mundo, faz mal à pessoa, à sua saúde e pode levar até a morte, se referindo a pesquisas de suicídios entre homossexuais que já leu. Mais uma vez, a ausência do gravador possibilitou que a conversa continuasse num tom mais solto e dali, muitas informações interessantes emergiram.

Neste sentido, o gravador parece ter ocupado o lugar do “senhor do tempo”, pois oficializa o que e quando algo deve ser falado. Quando estava ligado, sugeria a necessidade de que assuntos referentes ao tema da “pesquisa propriamente dita”

(saúde sexual de mulheres com práticas afetivo-sexuais com mulheres) estivesse em voga, como também inculcava ao participante um compromisso com o que deveria ser dito. Entretanto, quando este aparato sai de cena, ou seja, é desligado e a pesquisadora agradece ao participante pela conversa, tal movimento pareceu sugerir o término de um espaço mais oficializado. Deste momento em diante, a postura dos participantes que estenderam a conversa era muito mais descontraída e os assuntos abordados eram outros (talvez aqueles que fossem mais importantes acerca de suas experiências, de seus pontos de vista).

O gravador pareceu desencadear nos participantes, uma necessidade de montagem de um personagem de si, com um roteiro pré-determinado, ainda que este enquadre não tenha sido proposto pela pesquisadora (que tentou com ele romper quando necessário visto que não compreendia que a pesquisa iniciava-se com o gravador e findava com seu desligamento, mas se referia a um momento que extrapolava a presença deste aparelho).

Depois de desenovelado os encontros e desencontros ocorridos no processo de pesquisa, tanto quanto as escolhas metodológicas e seus redirecionamentos, se finda a discussão do processo do trabalho de campo, tendo em consideração que, mais do que ter possibilitado nos responder perguntas, a metodologia proposta e o trajeto percorrido introduziram questionamentos outros, que serão compartilhados no próximo capítulo.

Do caráter imprevisível não se deduz que os métodos e os projetos sejam totalmente inúteis. Eles servem como lugar em que se explicita o modo como o outro é representado. Servem também, na medida em que fracassam, para indicar o grau de alteração que a pesquisa e o olhar do pesquisador puderam sofrer. É através deles que posso olhar o outro e, paradoxalmente, defrontar-me com a alteridade pela descoberta dos pontos cegos (Amorim, 2001, p. 31).